Os Deuterocanônicos

Por que os usamos?

1. PROTOCANÔNICOS E DEUTEROCANÔNICOS

Antes de mais nada é preciso lembrar que cânone é a lista dos livros inspirados, ou seja, a lista dos livros bíblicos ou canônicos. Para os católicos, o cânon é derteminado pela tradição da Igreja. Só ela tem o poder de determiná-lo, pois ela é guardiã da revelação divina. Para os evangélicos, entretanto, a canonicidade de um livro já depende da sua capacidade de transmitir uma experiência religiosa. Para os livros do Antigo Testamento a base é a tradição hebraica. Para os livros do Novo Testamento o critério é a referência apostólica.[1]

O termo "Deuterocanônico" se origina de Sisto de Sena (1569). Protocanônicos são os livros considerados canônicos sem, praticamente, nenhuma discussão. Os Deuterocanônicos foram primeiramente questionados e só depois foram aceitos num segundo momento (deutero = segundo). Os evangélicos chamam os deuterocanônicos de apócrifos. Para os católicos, apócrifos são livros edificantes como os livros bíblicos, mas que a Igreja católica não aceitou como canônicos. Estes apócrifos são chamados pelos evangélicos de pseudo-epígrafos.[2]

Eis a lista dos deuterocanônicos: Tobias, Judite, Sabedoria, 1 e 2Macabeus, Baruque, Eclesiástico. A estes 7 livros acrescentam-se trechos de Ester (10,4–16,24) e Daniel (3,25-90; 13–14). Poderíamos citar como deuterocanônicos também 7 livros e 3 textos do Novo Testamento. Os livros seriam Hebreus, 2 e 3João, 2Pedro, Tiago, Judas e Apocalipse. Os textos seriam Mc 16,9-20; Lc 22,43-44 e Jo 7,53–8,11. Mas como não há discussão sobre a inspiração e canonicidade destes livros por parte de

1. Cf. MCKENZIE, J.C. *Dicionário Bíblico.* Paulinas, São Paulo, 1984, verbete "cânone".

2. Cf. AA.VV. *Comentario Bíblico "San Jerónimo".* Tomo V: *Estudios Sistematicos.* Ediciones Cristiandad, Madrid, 1972, 67: 19-20.

nenhuma igreja cristã, o problema gira apenas em torno do Antigo Testamento.[3] Estes livros foram usados por judeus e cristãos até o fim do primeiro século. Só então foram retirados do cânone judaico pelos rabinos em Jâmnia!

2. O CÂNONE DO ANTIGO TESTAMENTO

2.1. A Bíblia dos judeus escrita em hebraico

A Bíblia hebraica contém 24 livros divididos em três grupos. (Pode-se falar também em 22 livros se se unem Jz-Rt e Jr-Lm. Mas, na realidade, equivalem a 39 dos nossos, ou seja, aos nossos 46 menos os 7 deuterocanônicos):

1º grupo: *A lei* (= Torá): Gn, Ex, Lv, Nm, Dt. São cinco. É o que chamamos de Pentateuco.

2º grupo: *Os Profetas* (= Nebi'im). Aqui temos os *profetas anteriores*, ou os mais antigos: Js, Jz, Sm (1 e 2), Rs (1 e 2). E os *profetas posteriores:* Is, Jr, Ez, e doze profetas menores considerados como um só livro (Os, Jl, Am, Ab, Jn, Mq, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, Ml). No conjunto, oito.

3º grupo: *Os Escritos* ou *Hagiógrafos:* Sl, Pr, Jó mais cinco rolos (= Megillot) – que são: Ct, Rt, Lm, Ecl e Est – Dn Esd-Ne, Cr (1 e 2 = Paralipômenos). Ao todo onze.[4]

2.2. A Bíblia hebraica traduzida para o grego

A Bíblia hebraica foi traduzida para o grego por volta do século III-II aC e foi chamada Septuaginta ou Bíblia dos LXX. Ela era usada de modo especial fora da Palestina pelos judeus que falavam o grego. Ela contém também os livros deuterocanônicos. Percebemos, portanto, que tanto a Bíblia hebraica, quanto a Bíblia grega são de origem judaica.

A Lenda dos Setenta

Segundo uma lenda muito antiga, referida pela carta de Aristéias (final do século II aC) a Lei Judaica teria sido traduzida para o grego por 72 anciãos de Israel, sendo seis de cada tribo. Isto aconteceu, porque o bibliotecário real queria ter na Biblioteca de Alexandria também os livros dos judeus. Foi para satisfazer o desejo do seu bibliotecário que o próprio rei Ptolomeu II Filadelfo (285-247 aC) escreveu ao sumo sacerdote de Jerusalém Eleazar pedindo os tradutores. O número 72 foi depois arredondado para 70, daí o nome Septuaginta, Bíblia dos LXX. Naturalmente a lenda é longa e recheada de pormenores fantásticos. Na verdade, o Pentateuco foi traduzido em Alexandria, provavelmente, por judeus alexandrinos em favor dos judeus da diáspora que não falavam mais o hebraico. Isto aconteceu por volta do ano 250 aC. Mais tarde os outros livros foram também traduzidos.[5]

3. Cf. *Enciclopedia della Bibbia.* Elle Di Ci, Torino-Leumann, 1969, verbete "Deuterocanonici".

4. Cf. *Enciclopedia della Bibbia, o.c.,* verbete "canone"; *Comentario Bíblico "San Jerónimo",* o.c., 67: 23.

5. Sobre a Bíblia grega = Septuaginta ou LXX veja André PAUL. *O que é Intertestamento,* Paulinas, São Paulo 1981, 45-61.

2.3. Quando foi definido o cânone judaico?

O livro deuterocanônico do Eclesiástico (capítulos 44–50) foi escrito por volta do ano 180 aC e já faz alusão a todos os livros do cânone hebraico com exceção de Dn, Esd e Est. Isto significa que a coleção dos "Escritos" ainda não estava completa. Também é interessante observar que a Bíblia grega não segue a Bíblia hebraica na estruturação nem na ordem dos livros.

Além disso os códices da LXX não apresentam em separado os livros deuterocanônicos, mas os misturam com os "Profetas" como é o caso de Baruque ou com os "Escritos" como Eclesiástico e Sabedoria. Tudo isso significa que ainda não havia uma coleção estruturada e fixa do cânon hebraico, nem os tradutores e hagiógrados de língua grega tinham consciência de estar fazendo acréscimos estranhos à Bíblia hebraica. O Antigo Testamento ainda estava no seu processo de composição. Se o cânone hebraico já fosse um bloco monolítico e conhecido, os judeus de Alexandria, de língua grega, não ousariam intervir nem na sua ordem, nem no conteúdo da coleção, contrariando a orientação espiritual de seus mestres de Jerusalém.

O testemunho de Qumran

Qumran – nome de um pequeno rio, do mosteiro dos essênios (seita judaica) e da região sobre a margem norte-ocidental do Mar Morto. Qumran tornou-se célebre a partir de 1947 por causa das descobertas nas grutas de sua redondeza de importantes manuscritos. Estes manuscritos são textos valiosíssimos de quase todo o Antigo Testamento como também do mundo espiritual dos essênios.

A lista dos livros usados em Qumran era mais livre e abrangente. Não se via ali uma distinção clara de um cânone fechado. Das grutas de Qumran são recuperados quase 200 manuscritos ou fragmentos de livros bíblicos, contendo todos os livros com exceção apenas de Ester.

É provável que esta ausência seja proposital pelo fato de o livro de Ester não mencionar o nome de Deus, colocar o acento na Festa dos Purim, e ser muito apreciado pelos Macabeus. Ora, a comunidade de Qumran, além de ter uma visão muito rígida do calendário das festas, não aceitava a festa dos Purim e também era inimiga dos governantes macabeus.

De Qumran temos, portanto, cópias dos livros deuterocanônicos: carta de Jeremias (= Br 6), Tobias e Eclesiástico. Inclusive, curiosamente, várias cópias destes dois últimos. Tobias foi composto originalmente em aramaico, enquanto Eclesiástico, Judite e 1Macabeus em hebraico. Qumran testemunha que estes livros circulavam na Palestina e eram aceitos ali por determinados grupos judeus[6].

O historiador hebreu Flávio Josefo[7] por volta do ano 93 dC fala de 22 livros sagrados que equivalem ao cânone hebraico. Um pouco depois o 4º livro de Esdras faz referência a 24 livros aceitos pelos judeus. O concílio dos fariseus em Jâmnia teria acontecido entre os anos 90 e 100. É a ele que habitualmente se atribui a fixação por escrito do cânone hebraico. Mas não se tem certeza nem mesmo da

6. Cf. *Comentario Bíblico "San Jerónimo", o.c.*, 67: 36-37; DA SILVA, A.J. *Resistência e Submissão. Judaísmo e Helenismo face a face*, p. 203-204 (texto inédito).

7. Cf. PAUL, André. *O que é Intertestamento, o.c.*, 21-23.

existência de qualquer reunião em Jâmnia para delimitação dos livros sagrados, com a exclusão dos deuterocanônicos. Aliás, mesmo depois desta época o livro deuterocanônico de Eclesiástico continuou sendo copiado e apreciado pelos judeus. É provável que a fixação por escrito do atual cânone hebraico tenha acontecido lá pelo final do século II ou começos do século III. Neste meio tempo os judeus liam também como sagrados outros livros.[8]

3. OS DEUTEROCANÔNICOS ERAM OU NÃO USADOS PELOS JUDEUS PALESTINENSES?

Há três opiniões entre os estudiosos:

1) Alguns acham que os deuterocanônicos não eram usados pelos judeus. Esta é a opinião comum entre os protestantes.

2) Outros acham que, *no início*, os deuterocanônicos eram usados por todos os judeus, os de dentro da Palestina e os de fora da Palestina. Só depois é que os fariseus (partido dominante no fim do século I) rejeitaram os deuterocanônicos.

3) Para um terceiro grupo de estudiosos o cânon judaico foi sempre duplo. Breve para os judeus da Palestina (sem os deuterocanônicos) e longo para os de fora (com os deuterocanônicos); mas os próprios palestinos apreciavam muito pelo menos alguns dos deuterocanônicos.

A opinião mais correta é a segunda, mas de qualquer maneira já percebemos que as duas últimas opiniões concordam que ao menos uma corrente judaica reconhecia os deuterocanônicos.

Em síntese podemos dizer que:

a) Ao menos em Alexandria a lista de livros inspirados (cânon) compreendia também os deuterocanônicos, pois a Bíblia grega continha estes livros juntamente com os protocanônicos sem nenhuma distinção. É verdade que em alguns manuscritos aparece um ou outro livro apócrifo, ou seja, livro que não é considerado bíblico, mas são casos isolados devido a razões acidentais.

b) Provavelmente, também na Palestina, o "cânone" compreendia os deuterocanônicos. Por que dizemos assim? Porque nunca houve problemas de relacionamento entre os judeus da Palestina e os de Alexandria. Se a Palestina não concordasse com os livros da Bíblia dos Alexandrinos estas boas relações não existiriam. Veja que os Atos em 6,9 revelam que havia uma sinagoga para judeus alexandrinos dentro de Jerusalém e não consta em nenhum documento um mau relacionamento entre eles. Ora, lá era usada a Bíblia grega com os deuterocanônicos. Isto significa que até na Palestina os deuterocanônicos eram tidos como inspirados por Deus. Além disso o antigo historiador Flávio Josefo afirma que no início da era cristã os deuterocanônicos gozavam de grande prestígio entre os judeus da Palestina. Aliás, vários dentre eles, como o Eclesiástico, Baruque, Tobias, Judite eram lidos publicamente nas sinagogas.[9]

8. Cf. *Comentario Bíblico "San Jerónimo"*, *o.c.* 67: 35.

9. Cf. PERRELLA, G.M. e VAGGAGINI, L. em BALLARINI, Teodorico. *Introdução à Bíblia 1*. Vozes, Petrópolis, 1968, 106-107.

c) Os rabinos rejeitaram os deuterocanônicos.

Até o tempo dos apóstolos é certo que ninguém se preocupou em definir o cânone do Antigo Testamento. Parece que uma preocupação séria surgiu quando os fariseus perceberam que judeus e cristãos do século I começaram a usar novos livros juntamente com os livros mais antigos, como inspirados por Deus. Segundo alguns estudiosos eles ficaram preocupados e nesta época decretaram quais eram para eles os livros inspirados. Isto teria acontecido no Sínodo rabínico de Jâmnia por volta do ano 96 dC. Sem discutir a data e a ocasião podemos lembrar os critérios que mais cedo ou mais tarde foram usados para limitar o cânone hebraico:

1. Língua sagrada – A língua considerada sagrada era a hebraica. Escritos em outra língua não eram aceitos!

2. Ambiente palestinense – Não se aceitavam livros escritos fora da Palestina!

3. Conformidade com a Lei de Moisés – O livro tinha que ser todo de acordo com a Lei.[10]

Crítica aos fariseus

Percebemos nestes critérios uma mentalidade nacionalista, ou seja, contra os estrangeiros, pois depois do Exílio Babilônico (586-538 aC) eles continuaram sendo dominados por uma potência estrangeira.

Percebemos, também, uma mentalidade contra a dinastia dos asmoneus; esta dinastia reinou em Jerusalém a partir de Simão Macabeu. Os fariseus achavam que os asmoneus estavam usurpando o antigo trono de Davi. Os livros dos Macabeus foram rejeitados por causa disso. Assim também foram rejeitados todos os outros livros que surgiram depois do Exílio, ou em terra estrangeira, ou não foram escritos em língua hebraica.

Assim os livros que não se enquadravam nestes critérios, apesar de terem sido venerados pelos judeus e cristãos, foram excluídos. Dentre eles temos os sete citados acima com trechos de Daniel e Ester.[11]

4. QUAL ERA A BÍBLIA DOS PRIMEIROS CRISTÃOS?

Não se tem dúvida de que a Igreja primitiva adotou a Septuaginta, pois os escritores do Novo Testamento em suas alusões ou citações do Antigo Testamento usavam muito mais o texto grego do que o hebraico. É curioso observar que, mesmo quando o texto grego tinha um sentido um pouco diferente do texto original hebraico, eles seguiam o grego e não o hebraico. Das 350 citações do Antigo Testamento umas 300 são tiradas da Septuaginta. Isto significa que a versão Alexandrina, que continha os deuterocanônicos, era a Bíblia mais usada pelos cristãos primitivos. É verdade que os deuterocanônicos não são explicitamente citados. Entretanto encontramos alusões a diversos deles como 1 e 2Macabeus, Eclesiástico e Sabedoria. O fato de não serem citados explicitamente nada depõe contra a inspiração deles. Esta não seria uma razão para duvidarmos de sua

10. Cf. *Enciclopedia della Bibbia, o.c.*, verbete "canone".

11. Cf. BETTENCOURT, Estêvão. *Diálogo Ecumênico. Temas controvertidos.* Lumen Christi, Rio de Janeiro, 1984, 15-17.

canonicidade como também não duvidamos de diversos outros livros canônicos, que também não são citados no Novo Testamento como Abdias, Naum, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Ester, Esdras, Neemias e Rute.[12]

Podemos afirmar, portanto, sem sombra de dúvidas, que a partir dos anos 50, o Antigo Testamento usado pela Igreja Apostólica era a versão grega dos LXX, também chamada Septuaginta ou versão Alexandrina. Encontraríamos uma explicação no fato de a língua grega ser a mais comum nas regiões mediterrâneas.[13]

5. A IGREJA SEMPRE ACEITOU OS DEUTEROCANÔNICOS

5.1. A prova das catacumbas

O uso dos livros deuterocanônicos deixou suas lembranças nas catacumbas dos cristãos dos primeiros séculos. São numerosas as cenas que representam episódios narrados nos escritos deuterocanônicos e nos protocanônicos. E é curioso que não se encontra nas catacumbas nenhuma cena tirada de livros apócrifos, ou seja, livros que não são inspirados por Deus, que não fazem parte da Bíblia.

Aparecem muito nas catacumbas dos primeiros cristãos:

– Representação dos três jovens na fornalha com os braços erguidos em oração. Há com essa temática 17 pinturas e 25 esculturas. É uma referência à parte deuterocanônica de Dn 3,24-90.

– Representação de Daniel na cova dos leões com o profeta Habacuc, trazendo-lhe comida. Referência ao texto deuterocanônico de Dn 14,31-42.

– Representação de Daniel julgando os juízes iníquos. Sobre Dn há 39 pinturas e 30 esculturas (cf. Dn 14,50-64).

– Representação de Tobias guiado pelo anjo.

– Representação de Susana entre os dois anciãos (Dn 13,19-27 também deuterocanônico).[14]

5.2. Os primeiros Padres da Igreja

"Por Padres da Igreja entendemos os que viveram logo após os apóstolos, foram seus primeiros discípulos e mantêm viva a memória das origens do cristianismo. São escritores que vão do século II ao VI e têm enorme importância litúrgica e teológica por expressarem a ligação com as origens".[15] "São todos aqueles homens que contribuíram de modo determinante para construir o edifício doutrinário do cristianismo, que a Igreja acolheu e sancionou".[16]

12. Cf. *Il Messaggio della Salvezza, 1.* Elle Di Ci, Torino-Leumann, 1969, 196.

13. Cf. MCKENZIE, J.L. *Dicionário Bíblico, o.c.*, verbete "cânone".

14. Cf. PERRELLA-VAGAGGINI, *o.c.*, 133; BETTENCOURT, E., *o.c.*, 18-19.

15. Veja em *Igreja: Freio ou Acelerador?* Cadernos de Estudos da Pastoral da Juventude Nacional, n. 7. CCJ, Centro de Capacitação da Juventude, São Paulo, 38.

16. Cf. REALE, G. e ANTISERI, D. *História da Filosofia. Antiguidade e Idade Média,* volume I, Paulinas, São Paulo, 1990, 400.

Os Padres da Igreja são os primeiros defensores da fé. Eles citam os deuterocanônicos sem nenhuma distinção juntamente com os protocanônicos. Poderíamos lembrar aqui a Didaqué ou a Doutrina dos 12 Apóstolos (escrito do séc. I ou início do II). Clemente Romano por volta do ano 96 na sua Epístola aos Coríntios. São Policarpo (cerca do ano 135) na sua Epístola aos Filipenses. O Pastor de Hermas por volta do ano 150. Sempre encontramos os deuterocanônicos citados pelos Padres Apostólicos.

5.3. Os apologetas dos primeiros séculos

O termo apologeta provém de apologia, que significa resposta, justificação, prestar contas de alguma coisa. Apologetas são os primeiros Padres da Igreja que procuravam defender a fé contra os ataques de seus adversários.

Também eles nunca duvidaram da canonicidade dos deuterocanônicos. Vamos citar aqui apenas o que dizia Justino no seu "Diálogo com Trifão", por volta do ano 150:

"Deve reter-se parte da Escritura tudo o que há na versão dos Setenta, 'mesmo aquelas partes que os judeus tiraram'".[17]

Em síntese, nos 250 primeiros anos da Igreja, estes livros foram sempre aceitos e muito citados. Quando começaram as controvérsias com os judeus, os defensores da fé começaram a citá-los menos, pois, para os judeus, que não os aceitavam, estes livros não serviam como argumento. Numa palavra podemos dizer que a maioria absoluta dos cristãos do século III ao V aceitavam a inspiração divina dos deuterocanônicos. Só mesmo alguns cristãos que estavam profundamente influenciados pelos judeus da Palestina negavam a autoridade divina destes livros. É preciso lembrar, porém, que a negavam apenas teoricamente, pois na prática os aceitavam como inspirados, uma vez que os citavam como Escritura Sagrada inúmeras vezes. A partir do século VI não houve praticamente mais dúvidas.

Mantenho a continuidade com os apóstolos e os primeiros séculos do cristianismo temos as declarações sobre o catálogo completo dos livros sagrados nos seguintes concílios:

– Concílio de Hipona de 393

– Concílio de Florença em 1441

– Concílio de Trento em 1546. Foi no dia 8 de abril de 1546 que Trento colocou um ponto final à questão dos Deuterocanônicos.

– Concílio Vaticano I em 1870

– Concílio Vaticano II em 1965.[18]

6. O CÂNONE NO PROTESTANTISMO

Os deuterocanônicos não são aceitos como livros inspirados pelos evangélicos, que seguem o cânone curto dos rabinos de Jâmnia. Os livros do Antigo Testamento que os católicos chamam deuterocanônicos, os evangélicos os excluem

17. Cf. PERRELLA-VAGAGGINI, *o.c.*, 134-135.
18. Cf. BETTENCOURT, *o.c.*, 21-22.

do cânone e os consideram apócrifos. A palavra "apocrypha" é adjetivo grego neutro plural, e significa "escondido", "secreto", "oculto". Primitivamente, esta palavra designava obras de caráter "esotérico" (= misterioso, oculto), destinadas a grupos de pessoas iniciadas em determinado tipo de conhecimento. Evoluindo no seu sentido, ela veio a significar "obscuro", "espúrio", "forjado" (= de autoria ou conteúdo desconhecido ou fraudulento). No século IV, ela aparece com o sentido de "não-canônico", "não inspirado", e é aplicada àqueles livros religiosos que, em sua autoridade, eram inferiores aos que integravam as Escrituras Canônicas. Os reformadores os consideravam como livros de uma leitura útil e boa e muitas correntes protestantes ou versões da Bíblia protestante os incluem entre os dois testamentos ou no fim da Bíblia. Assim temos a Bíblia Germânica de Lutero (1534-1535) que os colocava no fim do Antigo Testamento com a observação: "Apócrifos: Estes livros não devem ser lidos, como iguais, em estima, aos das Sagradas Escrituras, porém, são bons e úteis para serem lidos". A Bíblia de Zürich, traduzida por Zwinglio e outros em 1527-29, também incluía os deuterocanônicos como úteis. A Bíblia Olivetana publicada em 1534-35, com um prólogo de Calvino, reproduzia os deuterocanônicos de um modo separado dos outros. A Bíblia de Coverdale (1535) também incluía os deuterocanônicos. A "King James Version" de 1611 imprimiu os deuterocanônicos entre os dois Testamentos. Entretanto a Confissão Presbiteriana de Westminster (1647) nega qualquer autoridade a estes livros: "Eles não devem ser utilizados senão a título de escritos puramente humanos". Depois de muitas discussões, a "British and Foreign Bible Society" decidiu, em 1827, excluir os deuterocanônicos de suas futuras publicações. Entretanto a partir da 2ª metade do nosso século está havendo um retorno à atitude mais moderada dos reformadores com relação aos deuterocanônicos. Eis o que diz o protestante E. Jacob:

"Estes livros não devem ser para nós um obstáculo, senão uma ponte entre os dois Testamentos. Certas doutrinas como a ressurreição dos mortos, a angelologia, o conceito de retribuição, assumiram na literatura apócrifa (= deuterocanônica) a forma em que se plasmaram no Novo Testamento. Nos apócrifos (= deuterocanônicos) se nota o sinal da revelação divina da Bíblia; diminuir o valor do seu testemunho, ainda que seja secundário, é correr o risco de tirar um elo precioso nessa rede que constitui a unidade da revelação. Por este motivo, a volta à prática da Reforma, quando os apócrifos eram inseridos no final do Antigo Testamento, nos parece altamente desejável".[19]

Uma outra opinião na mesma linha é a do Rev. Sabatini Lalli:

"As nossas Bíblias não trazem os Apócrifos. *Somos de opinião* que as nossas edições da Bíblia *também deveriam* incluir os Apócrifos, em apêndice no fim do volume, ou, como ocorre na Bíblia Germânica de Lutero, entre os dois Testamentos, antepondo-se-lhes prefácio bem elaborado, onde se dêem as *razões que nos levam a rejeitá-los como canônicos*. A leitura dos Apócrifos é útil, instrutiva, e, em muitos casos, edificante, pois a própria classificação dos referidos livros, de acordo com o seu conteúdo, nos mostra que há proveito na sua leitura. Os livros de Esdras (não nos referimos ao canônico) e os de Macabeus são livros *históricos*; Sabedoria e Eclesiástico, são livros *didáticos*; Tobias e Judite são livros de *romance religioso;* Baruque e a Epístola de Jeremias são de caráter *profético*; o remanescente de Ester,

19. Veja em: *Le problème biblique dans le Protestantisme*, ed. Mowericked, The Old Testament as Word of God (New York, 1959), 112; cf. AA.VV., *Comentario Bíblico "San Jerónimo", o.c.*, 67: 44-46.

o Cântico dos três jovens santos, a história de Susana, o ídolo de Bel e o Dragão, e a Oração de Manassés constituem criações mais ou menos lendárias da imaginação religiosa de seus autores. A inclusão, pois, dos livros apócrifos nas nossas edições da Bíblia, é matéria que merece discussão e análise sob todos os aspectos possíveis. Sua inclusão ou não nas escrituras canônicas, que hoje são publicadas pela Sociedade Bíblica do Brasil, deve ser decidida com muito critério e cuidado".[20]

Hoje estamos tendo Bíblias ecumênicas, onde estão presentes os deuterocanônicos, por exemplo a TEB = Tradução Ecumênica da Bíblia.

Emanuel Messias de Oliveira
Rua 10, nº 46 – Ilha dos Araújos
35020-650 Gov. Valadares – MG
Fone: (033)221-5720

20.Cf. LALLI, S. *A Bíblia no Brasil,* vol. III, n. 17, janeiro-março 1960 (Sociedade Bíblica do Brasil, RJ).